

CONVERGÊNCIAS METODOLÓGICAS NO ESTUDO DA COMUNICAÇÃO: PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES E INTERFACES

CONVERGENCIAS METODOLÓGICAS EN EL ESTUDIO
DE LA COMUNICACIÓN: PERSPECTIVAS E INTERFACES
INTERDISCIPLINARIAS

METHODOLOGICAL CONVERGENCES IN THE
STUDY OF COMMUNICATION: INTERDISCIPLINARY
PERSPECTIVES AND INTERFACES

Carlos Alberto de Souza¹

carlo Souza2013@hotmail.com

RESUMO: Têm aumentado o número de pesquisas em Jornalismo nos últimos anos em função da preocupação em consolidá-lo como um campo autônomo, que leva em consideração suas especificidades práticas e teóricas. A produção científica começou a crescer com a constituição de programas de pós-graduação em comunicação, especialmente com o surgimento dos primeiros mestrados em Jornalismo (UFSC e UEPG). Pesquisadores como Braga (2000), Medistch (2012) e Machado (2010) têm chamado a atenção para as interfaces entre jornalismo e outras áreas, considerando que este é um lugar privilegiado para os estudos do jornalismo. Neste trabalho, pretende-se, a partir de um caso, mostrar que o Jornalismo tem buscado apoio teórico e metodológico em outras áreas do conhecimento, o que não é ruim, desde que esta apropriação se faça de forma consciente e resguarde as características específicas do campo jornalístico. Se ainda a nossa área carece de instrumental teórico e ou metodológico para a produção de determinadas análises, é preciso adaptar as teorias e métodos de outros campos a realidade e especificidades do campo jornalístico.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo. Método. Interfaces. Interdisciplinaridade. Pesquisa.

RESUMEN: El número de investigaciones en Periodismo se ha incrementado en los últimos años debido a la preocupación por consolidarlo como un campo autónomo, que tiene en cuenta sus especificidades prácticas y teóricas. La producción científica comenzó a crecer con el establecimiento de programas de posgrado en comunicación, especialmente con la aparición de los primeros Maestros en Periodismo (UFSC y UEPG) en Brasil. Investigadores como Braga (2000), Medistch (2012) y Machado (2010) han llamado la atención sobre las interfaces entre el periodismo y otras áreas, considerando que este es un lugar privilegiado para los

Licença CC BY:

Artigo distribuído sob os termos Creative Commons, permite uso e distribuição irrestrita em qualquer meio desde que o autor credite a fonte original.

¹ Professor do Curso de Jornalismo da UEPG, doutor em Ciências Humanas (Interdisciplinar), pela Universidade Federal de Santa Catarina e mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Autor dos livros "O Fundo do Espelho é Outro: quem liga a RBS, liga a Globo" e "Telejornalismo e Morte". Pesquisador nas áreas fotojornalismo, imagem e televisão. Organizador de 16 livros, 13 deles em formato e-book na área da fotografia e fotojornalismo.



estudios de periodismo. En este trabajo se pretende, a partir de un caso, mostrar que el Periodismo ha buscado apoyos teóricos y metodológicos en otras áreas del conocimiento, lo cual no está nada mal, siempre que esta apropiación se haga conscientemente y resguarde las características específicas del campo periodístico. Si nuestra área aún carece de instrumentos teóricos y / o metodológicos para la producción de ciertos análisis, es necesario adecuar teorías y métodos de otros campos a la realidad y especificidades del campo periodístico.

PALABRAS CLAVE: Periodismo. Método. Interfaces. Interdisciplinariedad. Investigar.

ABSTRACT: The number of studies in Journalism has increased in recent years, due to the concern to consolidate it as an independent field, with its own practical and theoretical specificities. Scientific production in this area began to increase with the establishment of postgraduate programs in communication, and in particular, of the first Master's degrees in Journalism (UFSC and UEPG) in Brazil. Researchers such as Braga (2000), Medistch (2012) and Machado (2010) have drawn attention to the interfaces between journalism and other areas, considering this as a fertile place for studies in journalism. This work aims to show, based on a case study, that Journalism has looked to other areas of knowledge for theoretical and methodological support. This is not a bad thing, as long as this appropriation of knowledge is done consciously, safeguarding the specific characteristics of journalism as a field of study in its own right. Where this area still lacks theoretical and/or methodological instruments for the production of certain analyses, theories and methods from other fields can be brought in, provided they are adapted to the reality and specificities of journalism.

KEYWORDS: Journalism. Method. Interfaces. Interdisciplinarity. Research.

1. Introdução

Neste trabalho, pretende-se apontar os desafios dos pesquisadores em Jornalismo na prática da investigação científica. É claro que o fortalecimento do campo pressupõe a criação de métodos e teorias próprias à pesquisa em Jornalismo, coisa que já vêm fazendo alguns pesquisadores da área, levando em consideração a própria atividade prática dos jornalistas no seu cotidiano. Contudo, a realidade que se apresenta - complexificação das sociedades, o dinamismo do desenvolvimento tecnológico e do processo de globalização -, muitas vezes impõe ao investigador a necessidade de recorrer a outros campos para buscar as ferramentas necessárias à interpretação da realidade que se mostra. Não que isso signifique comodismo ou falta de criatividade e iniciativa. Mesmo neste ato, que deve ser consciente, pode-se fazer descobertas e gerar teorias e métodos apropriados ao campo jornalístico.

Pode-se, com tranquilidade, lançar mão desses métodos e técnicas oriundos de outros campos, mas é preciso ter em mente as especificidades e exigências do campo jornalístico. Medistch (2012) chama a atenção para a importância de compreender o jornalismo sem dissociar teoria e prática. Ele observa que o campo do jornalismo tende a se fortalecer quando se olha para a prática. É ela que permite o surgimento de teorias, e estas vão ajudar a aperfeiçoar a práxis.

Machado (2010) critica o atual estágio da pesquisa em jornalismo no Brasil e diz que ainda faltam manuais teóricos e metodológicos que contribuam com a dinamização da pesquisa no país e nas escolas de jornalismo. Em linhas gerais, os pesquisadores da área são sabedores das deficiências que ainda persistem no campo do jornalismo, mas são incansáveis a apontar para mudanças neste quadro que passa, é claro, por um posicionamento estratégico e um esforço conjunto de quem atua na área.

O fato de não dispor de todas as teorias e ferramentas metodológicas apropriadas à análise dos fenômenos jornalísticos faz com que muitos pesquisadores recorram a outros campos para fazer suas pesquisas e contribuir para o desenvolvimento científico do jornalismo. Isso, apesar de tudo, não pode ser considerado um pecado. Pode-se dizer que, ao longo de décadas, o jornalismo tem tomado emprestado as técnicas e os métodos de investigação de outros campos para dar conta de seus problemas de pesquisa. Até o desenvolvimento de procedimentos metodológicos próprios, mas ainda insuficientes, utilizou-se de conhecimentos da história, sociologia, psicologia, por exemplo, para dar sentido a seus estudos. Estas marcas, muito presentes em pesquisas atuais, permitem afirmar que o campo é marcado por múltiplas convergências teóricas e metodológicas. No doutorado interdisciplinar da UFSC, por exemplo, o aluno é obrigado a encarar o desafio de elaborar teses interdisciplinares e vencer os desafios epistemológicos advindos de transformações da era da comunicação global. A interdisciplinaridade ou os estudos de interface entre os campos podem ajudar na compreensão dos fenômenos sociais e jornalísticos. No trabalho que defendi sobre telejornalismo no doutorado, por exemplo, aplicou-se métodos que cruzaram três campos – Comunicação, Psicanálise e Sociologia. Isso será explorado nas páginas que seguem.

Neste trabalho, procura-se, a partir de três campos distintos de investigação, compreender o fenômeno da morte na sociedade contemporânea, a partir das emissões telejornalísticas no Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão e TV Cultura, emissora da Fundação Padre Anchieta, abrangendo a um só tempo a Comunicação, Sociologia e Psicanálise. A investigação sintetiza os aspectos metodológicos utilizados pelo autor em sua tese de doutorado, defendida na Universidade Federal de Santa Catarina sob o título: *Dissolução e espetacularização da morte na televisão: uma visão interdisciplinar sobre o fenômeno nos telejornais brasileiros*

O trabalho, concluído em maio de 2005, foi publicado como livro em 2009: *Telejornalismo e morte, a interdição do ver no noticiário televisivo*, publicado pela Editora da Universidade do Vale do Itajaí (Univali). A pesquisa de caráter interdisciplinar foi desenvolvida sobre o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão. Mas, procurou-se, também, ver como este assunto foi retratado no Jornal da Cultura, da TV Cultura. A análise envolveu os campos da comunicação (televisão), sociologia e psicanálise. A base da discussão levou em conta duas correntes teóricas sociológicas. Uma defende a ocultação da morte no meio social; a outra acredita que a televisão e os meios de comunicação tornaram público o fenômeno. Procurou-se, neste trabalho, ainda, por meio de uma espécie de pesquisa da recepção, compreender os mecanismos de defesa do telespectador diante da exibição da morte nos telejornais nacionais.

A exploração do tema no telejornal desperta a curiosidade e favorece os índices de audiência televisiva, por isso, o meio reserva espaços prioritários à informação (ela vende), porém nem tudo pode ser exibido. Percebe-se assim, a partir da investigação, uma dissonância entre o dito e o mostrado. Fala-se em muitas mortes, repetem-se muito as notícias (banaliza-se), mas poucas vezes ela aparece com toda a sua carga e, quando isso acontece, gera o protesto dos espectadores. Para apresentá-la é necessário, antes, transfigurá-la, por meio de um processo de manipulação que envolve várias técnicas – corte, congelamento da cena, fragmentação, descontextualização, diferentes formas de angular e apresentar o assunto, espetacularização, velocidade da exibição (troca intermitente de notícias). Esse conjunto de elementos possibilita a transformação da notícia em espetáculo. E, nele, a ênfase é no novo, no inusitado, naquilo que chama a atenção - fogo, destruição, resgate, tensão, drama, emoção.



Ao mesmo tempo em que modifica a realidade, subtraindo da imagem 'o mal', por meio de um processo de estetização, a TV, ao noticiar a morte dos outros, ainda contribui para disseminar o mito da imortalidade e, mesmo, tornar imortais os famosos, perpetuando-os virtualmente no mundo social. Conclui-se que os telejornais não colaboram para tornar o fenômeno público. As notícias, ao darem destaque a assassinatos, atentados terroristas, acidentes e doenças acabam, também, gerando, no público, o medo da morte. Na verdade, o processo de interdição da morte nos meios de comunicação e, principalmente, nos telejornais, se dá de forma diferente do meio social, mas eles acabam refletindo na tela o Interdito Social, tese defendida por Philippe Àries.

A proposta aqui é mostrar como foi desenvolvido o trabalho interdisciplinar, abrangendo telejornalismo e morte. Nos últimos 50 anos, é fato, a TV assumiu um papel fundamental do processo de comunicação social e esta pesquisa, tomando a perspectiva da interdisciplinaridade, teve por objetivo contribuir para a discussão, ou mesmo lançar novas questões, sobre o tema na sociedade contemporânea.

2. A MORTE NA MÍDIA

Há autores apontando que a morte se tornou pública na sociedade e indicam na direção da mídia. Walter et. al. (1995) dizem que os meios de comunicação têm promovido, de forma eficaz, o discurso público da morte. De certa forma, eles têm razão em defender este ponto de vista, tendo em conta que os MCM têm assumido um papel central no processo de sociabilidade humana, especialmente com o advento da globalização. Abruzzese e Cavicchia Scalamonti (1992) observam que o que foi removido do meio social, acaba surgindo com força na mídia, não só nos filmes e desenhos, mas também nos programas informativos. É nesse meio específico, imaginário, que a relação entre vivo e morto é celebrada de maneira fantástica num mundo que vive sob novas dimensões de tempo e espaço. A partir dessa discussão teórica de duas faces, resolveu-se fazer alguns questionamentos sobre o tratamento dado a morte nos telejornais e na televisão.

A televisão torna público ou não o fenômeno? Que sentimentos ela provoca nos telespectadores? Quais as estratégias utilizadas pelos telejornais para reduzir o impacto do fenômeno junto ao público? Por meio da análise do Jornal Nacional, líder de audiência no país, verificou-se o tratamento, o tipo de exibição, a dimensão e espaço dado ao tema. E, junto ao telespectador, se a TV propicia ou não o 'contato' com a morte. Que mecanismos e técnicas são utilizados pelos produtores de telejornais para 'impedir' que tais notícias provoquem efeitos, abalem o emocional do público? Estas foram algumas das questões levantadas para desenvolver a pesquisa. Com a finalidade de viabilizar metodologicamente a investigação, foi necessário concentrar estas dúvidas em uma única pergunta: Como o JN trabalha o tema e que reações e sentimentos a retratação dessas mortes causam junto ao público?

Para chegar à pergunta norteadora, fez-se necessária a realização de pesquisa exploratória. Um dos textos que proporcionou esta caminhada é de autoria de Leis (2000, p. 6). Para ele, o que a televisão esconde é a morte como um fenômeno a ser enfrentado pelo próprio eu. "[...] encontramos na TV e nos meios de comunicação em geral todo tipo de mensagens [...], trazendo-nos abundantes representações" do fenômeno. Na opinião do autor, apesar das representações se tornarem públicas, as pessoas já não têm experiências ou domínio sobre a morte. Para ele,

“a alta Modernidade parece promover a morte ‘pornográfica’ no mesmo grau que oculta a experiência direta da morte” (ibid., p. 7).

Partindo-se dessa reflexão, procurou-se estabelecer os pressupostos da pesquisa. Partiu-se da hipótese de que aquilo que se presencia na televisão é a morte à distância, espetacularizada. A ênfase é na divulgação de espetáculos, na dramatização da cena e a oclusão de fatos e imagens. A morte que vem de longe tem prioridade e, também, a morte de bandidos.

Para dar cabo dessa tarefa complexa, resolveu-se analisar o JN em dois momentos distintos. A primeira etapa de gravações aconteceu em 2002 e, a segunda, em 2003, período em que acontecia a guerra anglo-americana contra o Iraque, uma guerra que ainda não terminou. Para complementar o estudo, verificou-se como tais notícias são retratadas no Jornal da Cultura, da TV Cultura, emissora educativa nacional. Tais informações foram importantes para a comparação de dados e para mostrar que, apesar da diferença entre as duas emissoras, o tratamento jornalístico é semelhante. A análise abrangeu um espectro de notícias sobre o assunto, mas a ênfase foi dada às reportagens envolvendo mortes, pelo fato de ter maior efeito sobre os telespectadores.

A estratégia de estabelecer um paralelo com uma segunda emissora, com características diversas de uma TV comercial, foi proveitosa para o estudo que, em linhas gerais, mostrou que a morte na televisão ganha ar de espetáculo e acaba perdendo seu poder de evocação junto aos telespectadores e isso se dá, no telejornalismo, pela influência da linguagem televisiva e pelo uso de mecanismos que impossibilitam o contato, de fato, com o fenômeno. O telejornal, ao retratar a morte, desenvolve movimentos que parecem contraditórios, mas que, na verdade, são complementares: espetacularização-ocultação e espetacularização-banalização.

Espetacularizar pode significar ao mesmo tempo banalizar e ocultar, formas de manipulação dos fatos e dos fenômenos divulgados pelos Meios de Comunicação de Massa. Quando você cria espetáculo, você retira da mensagem o seu poder de evocação. A banalização não se dá exclusivamente pela apresentação constante e pela repetição exagerada do tema, mas também pelo tratamento discursivo, cenas, jogos de imagem, simulação das informações por meio da computação gráfica e outros mecanismos técnicos e linguísticos à disposição dos produtores.

Por outro lado, por ser a morte assunto tabu na sociedade moderna ocidental, percebe-se que muitas mensagens, ao dar ênfase ao “barulho”, ao movimento, à intensidade de cores e formas, ao que é secundário, acabam contribuindo para a sua ocultação. A interpretação destes dados (qualitativos e quantitativos) teve por suporte as técnicas da Análise de Conteúdo (temática e de enunciação) úteis para compreender como a questão é abordada nos telejornais (enfoque, linguagem, estrutura dos programas, sequências das cenas e a inter-relação entre as notícias, tipo de informações mais comuns). Paralelamente, desenvolveu-se pesquisa com os receptores (adolescentes e idosos), por meio de aplicação de entrevistas e de um experimento psicanalítico, na busca de comparar suas percepções sobre a morte virtual (TV), confrontando-as com as experiências vivenciadas na realidade, no contato face-a-face.

Ao mostrar a morte, a TV acaba favorecendo o mito da imortalidade. É o outro quem morre, não eu. E as pessoas famosas que se vão podem até ressurgir de tempos em tempos, na tela. Elas têm um tratamento especial, sobrevivem à sua morte. Por outro lado, podem também ser, momentaneamente, esquecidas, pois a televisão com rapidez cria mitos, novos ‘deuses’ para a ‘massa’, observa Ferrés (1998), acrescentando que as ‘estrelas’ se sucedem com



velocidade vertiginosa.

Na medida em que quem morre é o outro (apesar de no JN, raramente, aparecer o morto) há um reforço da nossa 'ilusão' inconsciente de imortalidade, de que fala Freud (1998, p. 297), "nuestro inconsciente no cree en la muerte propia". Mas, ao mesmo tempo, essas imagens, enquanto motores que trabalham com o emocional, provocam angústias, pois geralmente na tela se 'representa' a morte cruel, violenta, inesperada, e tais notícias trágicas ativam os mecanismos inconscientes, ilusão da imortalidade, e de defesa, negação, repressão da morte.

Pode-se afirmar que a TV acentua no indivíduo o medo, porque dá ênfase à retratação da morte violenta, resultado de catástrofe, assassinatos, acidentes, guerra. Por paradoxal que pareça ser, ao 'exibir' essas mortes, a TV contribui para a sua oclusão, pois ajuda a disseminar o medo, ao mesmo tempo em que nutre no ser a 'esperança' de imortalidade, até porque, virtualmente, a técnica já permite isso. A análise do papel da televisão e da linguagem televisiva envolveu teóricos críticos como Marcondes Filho (1989), Martín-Barbero (1978), Baudrillard (1996 e 2001), Debord (1997), Bourdieu (1997) e Prokop (1986).

Do lado da psicanálise, buscou-se compreender por que não 'acreditamos' no próprio fim e como a televisão contribui para reforçar essa crença. Freud (1998) observa que o medo da morte tem origem quando os primeiros humanos se defrontaram com o fenômeno, com a morte de alguém próximo e querido. Medo que se dá pela identificação com aquele que morre, pois a partir dessa experiência direta, o indivíduo passa a ter consciência que morrerá. Revela-se, nesse momento, um sentimento ambíguo, pois, ao mesmo tempo, percebe-se que, apesar do fato, continua-se vivo. Permanecer vivo reforça no inconsciente de cada um a ideia ou a crença na própria imortalidade. No caso da televisão, em que a morte é geralmente de pessoas estranhas, essa acaba perdendo seu efeito de propiciar a reflexão, porque se dá à distância, em uma segunda realidade, muitas vezes, uma criação. Importante também foi buscar, junto a Prokop (1986) e a psicanálise, os mecanismos de defesa adotados pelos produtores e receptores, para impedir o acesso a experiência negativa.

3. Aspectos metodológicos

A investigação se mostrou relevante, porque procurou, a partir de uma visão interdisciplinar, lançar novas luzes sobre o fenômeno da morte na sociedade contemporânea. Sua originalidade esteve em focar a análise sobre a televisão, que tem se constituído no principal veículo contemporâneo de comunicação social, e sobre o gênero jornalístico, que assume a função de retratar, diariamente, a realidade do mundo aos telespectadores.

A partir da pesquisa exploratória e empírica, é possível afirmar que:

Ao transformar a morte em espetáculo, o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, os telejornais, contribuem para banalizá-la, ocultá-la, dissolvê-la;

Por ser apenas representação, uma segunda realidade, a TV não permite a experiência da morte, apesar dos apelos emocionais dos produtores televisivos.

A morte virtual (na televisão) não toca tão intensamente os sentimentos dos telespectadores, como é comum no contato com a realidade (contato face-a-face);



A morte na TV contribui para reforçar o mito da imortalidade: quem morre é o outro; ou os famosos jamais morrem. Com frequência voltam à tela, mesmo depois de deixar este mundo, ou são imediatamente substituídos por outros, criados pela TV;

A morte na TV comercial é mais explorada que na TV educativa, mas nas duas, a informação acaba recebendo tratamento semelhante;

O espectador utiliza-se de mecanismos de defesa para impedir o contato com fatos que lhe causem desprazer (ele muda de canal, espera por outra notícia, evita olhar para a cena, deixa de assistir o jornal, ou simplesmente fica indiferente);

A morte no filme sensibiliza mais o espectador do que aquela exibida no telejornalismo, o que é um contrassenso, uma vez que esse tem conhecimento de que filme é ficção.

O objetivo principal da pesquisa foi verificar como o JN trata o tema e como a retratação desse fenômeno é observada, sentida, pelos telespectadores. Estes objetivos se desdobraram em outros, também importantes, e que serviram, junto com os pressupostos, de guia ao desenvolvimento da investigação, dentre os quais, destacam-se: *mostrar que os telejornais, de maneira geral, se utilizam de mecanismos e de uma linguagem apropriada para reduzir o impacto da morte na sociedade*; traçar um paralelo entre as notícias de morte no JN e JC (TV Cultura - emissora Educativa), procurando demonstrar diferenças e semelhanças no tratamento dado à informação; *mostrar que os produtores da mensagem e receptores utilizam-se de mecanismos de defesa para amenizar os efeitos das cenas de Morte na vida cotidiana*; contribuir teoricamente para esse debate na sociedade moderna, a partir da análise dos telejornais, procurando colocar novas questões na controvérsia alimentada pela Sociologia - a morte foi ou não ocultada na sociedade moderna ocidental.

Muitos estudos na área da comunicação têm dado atenção à questão da violência e mídia, contudo, poucas pesquisas foram desenvolvidas sobre o tema morte no meio televisivo. Foi isso que me estimulou a realizar o trabalho, especialmente por seu caráter interdisciplinar. A I é m de revelar o fenômeno na televisão, confrontando com a realidade social, o estudo trouxe outra motivação, de ordem pessoal.

Há alguns anos tenho desenvolvido análises da mídia, especialmente da televisão, e isso permitiu ampliar o horizonte dos conhecimentos nesta área. E isso contribuiu para enveredar para o campo interdisciplinar, especialmente com o ingresso em um doutorado que tinha como matriz conceitual a questão da interdisciplinaridade.

O que se buscou na investigação foi contribuir para o estudo da sociedade, uma sociedade que se volta cada vez mais à técnica e onde o espaço virtual assume importância no processo de relacionamento entre as pessoas e grupos sociais. Por outro lado, é preciso considerar que os veículos de comunicação, enquanto instância de interpretação dos fatos e eventos humanos, tornam-se cada vez mais importantes. A televisão é um dos principais veículos de informação e de contato com o mundo.

Mas a pesquisa se justifica não somente porque tratou de sistematizar a abordagem dada pela televisão, pelos telejornais à morte, mas principalmente porque pôde contribuir com um novo olhar sobre fenômeno na sociedade moderna ocidental. E, para o desenvolvimento deste trabalho optou-se, metodologicamente, pelo cruzamento entre a abordagem quantitativa e



qualitativa. Tal cruzamento permitiu o aprofundamento da análise sobre a temática da morte na televisão. Os livros de metodologia têm dado ênfase à integração dessas duas abordagens, por considerar que permite a redução da margem de erro em qualquer investigação social.

A pesquisa qualitativa, central na análise, tem por objetivo, de acordo com Minayo e Sanches (2000), responder questões particulares das Ciências Humanas e Sociais dentro de um nível de realidade que não pode ser somente quantificado. Essa modalidade de pesquisa trabalha com um universo de significações ligado a valores, crenças e atitudes, correspondendo ao espaço das relações humanas e de fenômenos que, na maioria das vezes, não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Na opinião de autores como Goldenberg (1999) e Becker (1999), dados quantitativos e qualitativos não se opõem, e podem se complementar, quando a realidade abrangida solicitar o uso dos dois tipos de informação.

Goldenberg (1999, p. 62) observa que “a interação da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um cruzamento de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular”.

Becker (1999, p.12) deixa esta questão mais aberta. Explica que, para cada problema, pode-se construir o próprio método de investigação e análise, fazendo a ciência avançar. Ele prefere o “modelo artesanal de ciência, no qual cada trabalhador produz as teorias e métodos necessários ao trabalho que está sendo feito”.

Becker não propõe o abandono das ideias gerais, já desenvolvidas. Ele chama a atenção para o seguinte: nem sempre o problema de pesquisa se encaixa dentro de uma determinada opção metodológica colocada à disposição dos cientistas. Nesse momento, é preciso ousar e entra em cena a criatividade do pesquisador. É mais ou menos esse o caminho que traça Goldenberg (1999). Para ela, a pesquisa é um exercício para aprender a pensar cientificamente, com criatividade, organização, clareza, buscando, antes de tudo, o prazer de estar pesquisando.

Nesta pesquisa sobre a televisão, que tomou por objeto o JN, houve necessidade de criatividade no desenvolvimento de procedimentos. Convém salientar, porém, que a investigação está ancorada em técnicas e métodos consagrados em sociologia, psicologia e em comunicação. As técnicas de Análise de Conteúdo, apropriadas à investigação da Comunicação de Massa, serviram para classificar e descrever os tipos de morte, o espaço destinado ao tema, o caráter e as características dessas informações.

As unidades de análise foram de base não gramatical: documentos completos (a notícia - texto e imagem). Foi analisado o espaço que ocupou o tema no telejornal, a inter-relação entre as informações, o enfoque dado às notícias, às estratégias utilizadas pelos produtores para a sua divulgação, a relação texto e imagem. A base metodológica para execução da análise é de autoria de Bardin (2000).

Convém salientar que, embora a história da Análise de Conteúdo esteja fortemente vinculada, em seus primeiros momentos (anos 40 e 50), à quantificação, ao fascínio pela contagem e pela medida, aos poucos, a preocupação qualitativa deste método geral vai ganhando corpo através de diversas técnicas de pesquisa, como, por exemplo, com a análise estrutural, análise de enunciação e análise de discurso.

Aos poucos começa a interessar aos pesquisadores não somente quantas vezes um tema é citado, quanto por cento da informação sobre tal tema é positivo, negativo ou neutro. “A presença ou ausência de uma dada característica de conteúdo, ou de um conjunto de características, num determinado conjunto” são dados que permitem ao pesquisador estabelecer categorias e interpretar as informações, buscando estabelecer a correspondência entre a análise e a teoria de base. Para desenvolver estudos nesta linha, torna-se necessário o estabelecimento de categorias. Para Bardin, categorizar significa classificar os elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação, reagrupando-os de acordo com o gênero (analogia) e com os critérios previamente definidos. Ela aponta para as possibilidades de categorização na investigação dos temas, ou análise temática. Na sua opinião, essa técnica é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos (significações manifestas) e simples. Esta técnica de pesquisa foi aplicada para a análise das notícias (texto e imagem) de morte, exibidas na tela, pelo JN e pelo JC, contrastando com outras notícias que aparecem no conjunto do programa, procurando estabelecer inter-relações e identificando como se dá esta dialética temática vida/morte. Quais os símbolos expressos, que valores são cultuados nas matérias jornalísticas.

No sentido de aprofundar a pesquisa, quanto ao teor da mensagem e da imagem procurou-se manter ancorado na Análise de Conteúdo, porém, mobilizando outra técnica complementar à análise temática, mais enfatizada na investigação, a análise de enunciação. A técnica, desenvolvida por D’Unrug, “assenta-se numa concepção do discurso como palavra em acto” (BARDIN, 2000, p. 170). A análise de enunciação, ela observa, se desenvolve em vários níveis (nível das sequências, das proposições, dos elementos atípicos) e a interpretação, ou seja, a compreensão do processo em ato, resulta da confrontação dos diferentes indicadores apontados ao longo do estudo.

Bardin (2000) procura estabelecer um paralelo entre a análise temática e de enunciação. A primeira é transversal e se constrói através de uma grade de categorias projetada sobre os conteúdos. Tem como principal alvo a frequência dos conteúdos. A análise de enunciação aplicada principalmente à entrevistas não diretivas, mas adaptável à investigação do conteúdo da Comunicação de Massa, permite que se analise o teor da notícia.

Por meio deste conjunto de técnicas será possível descrever as tendências no conteúdo da comunicação, identificar os mecanismos utilizados na notícia para reduzir seu impacto, a relação entre a morte e os outros temas, a sequências, como são encadeados os assuntos e as mudanças temáticas. Paralelamente a esse procedimento, realizou-se, em caráter experimental, um trabalho com os receptores das notícias. Tarefa que foi desdobrada em duas partes. A primeira consistiu-se na realização de entrevistas com oito idosos com mais de 70 anos e oito adolescentes, na faixa dos 13 aos 21 anos. A segunda consistiu na exibição, para os mesmos grupos, para aqueles que se dispuseram a participar do experimento, de cenas de mortes veiculadas pelo JN. A intenção foi ouvi-los, observar suas reações diante dessas retratações na televisão. Com base nas entrevistas e nesse experimento, e tomando por guia a Teoria dos Mecanismos de Defesa, procurou-se fazer inferências sobre a visão do público telespectador a respeito desse assunto.

Para a realização da pesquisa, o JN foi gravado durante dois meses, alternados (abril de 2002 e março/abril de 2003). O objetivo: investigar a temática da morte, procurando confrontar



às teorias que dão sustentação ao trabalho, teorização oriunda - como já observamos - de três campos distintos: sociologia, comunicação e psicanálise.

A partir da análise do discurso televisivo, que levou em conta os mecanismos da linguagem televisiva desenvolvidos por Prokop (1986) – signo e clichês -, e a teoria dos Mecanismos de Defesa, de Anna Freud (1982), caracterizou-se e se compreendeu como se dá a emissão da morte no telejornalismo, do ponto de vista daquele que produz e vê os noticiários.

4. Referências

- ARIÉS, P. **Sobre a história da morte no ocidente desde a Idade Média**. (2 ed.) Lisboa:Teorema, 1989.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa:Edições 70, 2000.
- BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 4 ed. São Paulo:Hucitec, 1999.
- BRAGA, José, Luiz. **Estudos de interfaces como espaço de construção do campo da comunicação**. GT Epistemologia da Comunicação. Compôs, 2004.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro:Contraponto, 1997.
- FERRÉS, J. **Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas**. Porto Alegre:Artmed, 1998.
- FREUD, A. **O ego e os mecanismos de defesa**. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira, 1982
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro:Imago, 1997
- FREUD, S. **O ego e o id**. Rio de Janeiro:Imago, 1997b.
- FREUD, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro:Imago, V. XVIII, 1976.
- FREUD, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro:Imago, V. 1998.
- GONDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**, 3 ed. São Paulo;Record, 1999.
- KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo:Martins Fontes, 2000.
- LEIS, H. R. A sociedade dos vivos. In: **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**. Florianópolis:CFH, 2000.
- MACHADO, Elias. **Metodologia de pesquisa em Jornalismo**. São Paulo: SBPJo, 2010
- MARCONDES FILHO, C. **Televisão**. São Paulo:Scipione, 1994.
- MARCONDES FILHO, C. **Televisão: a vida pelo vídeo**. São Paulo:Moderna, 1988.
- MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e pesquisa para o jornalismo que está por vir**. Florianópolis:Insular, 2012.
- MEDITSCH, Eduardo. **O Capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza: 2 ed**. São Paulo:Ática, 1989.



MARTÍN-BARBERO, J. **Comunicación masiva**: discurso y poder. Quito:Época, 1978.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? In: **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro : 9 (3): 239-262, 2000.

PROKOP, D. In. MARCONDES FILHO, C (org). **Grandes cientistas sociais**, v. 53. São Paulo: Ática, 1986.

WALTER, T. et.al. **Death in the news**: the public invigilation of private emotion. In *Sociology*, v. 29, nº 4, novembro de 1995.